

**“NOS VARADOUROS DA VIDA”:
ANÁLISES DA FORMAÇÃO, EXPROPRIAÇÃO E
RESISTÊNCIA DOS TRABALHADORES SERINGUEIROS
ACREANOS A PARTIR DA EXPRESSÃO DE SUAS
ORALIDADES***

Silvio Simione da SILVA**

Resumo: Neste trabalho, partimos da análise da formação da mão-de-obra seringueira vista em depoimentos orais e documentos escritos de agentes testemunhas dos processos de formação socioespacial e político do Acre, para compreender aspectos da formação do mundo do trabalho no campo nesta região da Amazônia. Neste sentido, mais que uma aplicação de certos conceitos a análises de questões do campo, buscamos discutir do ponto de vista de uma valorização da oralidade desses agentes, uma metodologia para compreender o processo de formação da força-de-trabalho na floresta, como expressão social das diversidades agrárias regionais brasileiras na Ciência Geográfica, sem perder a possibilidade de uma visão transdisciplinar.

Palabras-clave: Oralidade; Amazônia; migração; trabalho; seringueiros; conflitos; resistência.

Resumen: En este trabajo, partimos del análisis de la formación de la mano de obra seringueira, vista en relatos orales y documentos escritos de agentes testigos de los procesos de formación socioespacial y político de Acre (Brasil), para comprender aspectos de la formación del mundo del trabajo en el campo en esta región de la Amazonia. En este sentido, más que una aplicación de ciertos conceptos a las analisis de elementos

* - Trabalho apresentado como atividade avaliativa da disciplina "História social do trabalho no Brasil", ministrada pela Prof.^a Dra. Eda Góes, no 1º Semestre de 2001. Curso de Pós-graduação em Geografia da FCT/UNESP.

** - Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP, de Presidente Prudente. Professor Assistente do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Acre, UFAC. E-mail: ssimione@bol.com.br

del campo, buscamos discutir, desde el punto de vista de una valorización de los relatos orales de esos agentes, una metodología para comprender el proceso de formación de la fuerza de trabajo en la selva, como expresión social de las diversidades agrarias regionales brasileñas en la Ciencia Geográfica, sin perder la posibilidad de una visión transdisciplinaria.

Palabras-Clave: Oralidad; Amazonia; migración; trabajo; conflicto; resistencia.

1. ENCONTROS DE VIDAS: O SENTIDO DO TRABALHO COM HISTÓRIA ORAL PARA O GEÓGRAFO

Nosso interesse pelos aspectos da historicidade da formação da mão-de-obra seringueira amazônica-acreana, surgiu ao longo de um convívio de 20 anos com amazônidas, desde quando em 1982, juntamente com minha família, aí chegamos na condição de trabalhadores camponeses em busca de mais terras para se reproduzir. Nos anos de 1983-1984, tivemos oportunidade de conviver com comunidades de seringueiros na condição de professor das quatro primeiras séries do primeiro grau (atual Ensino Fundamental), aí sem qualquer pretensão científica aprendemos muito destes sujeitos sociais. Posteriormente, com a experiência seminarística junto a Diocese de Rio Branco (antiga Prelazia do Acre-Purus) no período de 1985-1987, tivemos a dimensão de seus problemas, seus conflitos e de suas lutas, visualizados a partir dos trabalhos de pastorais e do convívio, em geral, nas Comunidades e Eclesiais de Bases (CEBs).

No período de 1997-1999, já como professor universitário, quando fazíamos a pesquisa de campo que nos rendeu a Dissertação de Mestrado em Geografia – “A fronteira agropecuária acreana” (SILVA, 1999), parte desses legados voltaram a se mover em nossa memória, mas agora como pesquisador interessado em compreender as

especificidades sociais e humanas da Amazônia. O trabalho com entrevista a agentes sociais da fronteira, tanto trabalhadores migrantes como locais, no Acre, nos instigou, a fazer questionamentos que nos possibilitasse ir um pouco além de compreender as dinâmicas mais recentes das transformações do espaço no contexto da fronteira econômica que aí se rearticulava. Surgiu então, uma coletânea de entrevistas ligadas à questão de formação socioeconômica e espacial destes agentes sociais sem, contudo, ter qualquer pretensão de fazer um trabalho dentro de uma metodologia de história oral que, aliás, ainda não conhecíamos.

Hoje, defrontado com um referencial teórico da metodologia de pesquisa com história oral, sabemos que o que propomos aqui não se trata de um trabalho primordialmente, concebido dentro desta linha, mas como pressuposto podemos dizer que este surgiu do fato de nossa condição de oralista, ter vindo a tona antes do conhecimento desta possibilidade de pesquisa, nas áreas que trabalhamos. Nisto entendemos que a história oral abre, então, uma enorme possibilidade como metodologia adequada à investigação geográfica, sobretudo no campo de estudos humanos e sociais que desenvolvemos no âmbito desta ciência.

Nessa concepção, partimos do pressuposto que na Ciência Geográfica a reprodução do espaço como dimensão humana/social em que interagem sociedade e natureza, no contexto dos processos produtivos, qualquer investigação tem que partir da compreensão dos processos constitutivos que são, por excelência, processos históricos da sociedade materializada e localizada no tempo e no espaço. Nisto se firma a concepção de que no estudo dos processos sociais, sempre referimos-nos a uma “história real, construída por homens reais, vivendo relações de dominação e subordinação em todas as dimensões do social” (NUNES, 1991, p. 93), que estão presentes nas relações de produção que reproduzem o espaço enquanto objeto de estudo da Geografia (o que, talvez, nos autorizasse a falar de processos geo-históricos).

Daí emerge o papel da força transformadora da sociedade em sua ação social – o trabalho – construindo espaços e produzindo realidades. Podemos então, situar o vínculo da força de trabalho localizada

e os ganhos de especificidades, que a historiografia oficial não mostra, pois se ocupa mais de questões macro. A metodologia de história oral nos possibilita uma compreensão micro da história e, então a apreensão de ações daqueles agentes sociais que não aparecem nos trabalhos científicos tradicionais, mas são as forças que dão as dinâmicas produzindo e reproduzindo espaços, merecendo ser valorizadas.

MENHY (2.000, p. 12), ressalta que a documentação oral é além da história oral “todo e qualquer recurso que guarda vestígios de manifestações de oralidade. Entrevistas esporádicas, gravações de músicas, registros sonoros de ruídos, absolutamente tudo o que é gravado e preservado se constitui em documento oral”. Neste sentido é que se pode dizer que há modalidades diferentes de história oral, que conforme MENHY (2.000) são três: “a história oral de vida, a temática e a tradição oral, que dependem das entrevistas com pessoas em boas condições para dar depoimentos”.

Considerando nossas pretensões, aqui teremos um enfoque temático sobre a questão da formação de força-de-trabalho seringueira na Amazônia-acreana. Isto implica que do ponto de vista dos procedimentos, estaremos articulando entrevistas feitas diretamente com sujeitos sociais à entrevista documentada por outros, mas todas referindo a representantes da temática tratada.

Esta é a visão que temos inicialmente e que iremos discutir no contexto deste artigo. Feitas estas considerações, cabe salientar que como estaremos refletindo também sobre os depoimentos, entendemos então, que aqui o pesquisador passa a dividir a condição de sujeito destes trabalhos com nossos depoentes em seus relatos (que são, realmente, o que dará conteúdo às discussões e reflexões, nossa e dos leitores).

2. HISTÓRIAS E ORALIDADE: A DINÂMICA GEO-HISTÓRICA E A FORMAÇÃO DO SUJEITO SOCIAL SERINGUEIRO

Entendemos que qualquer reflexão sobre temáticas que têm o caráter social é, sobretudo um construto histórico e, neste sentido, deve-

ter um tratamento processual da questão. Será então, visando esta finalidade, no contexto da formação socioeconômica e territorial acreana que apresentaremos os documentos orais em duas partes: a primeira parte é um relato oral documentado de uma palestra de Chico Mendes sobre os “povos da floresta” em 1988 e, na segunda parte serão apresentadas “entrevistas” realizadas com dois seringueiros no período de 1998 a 1999 (escolhidas dentre várias que foram realizadas, sob critério de maior representatividade).

Cabe esclarecer que no decorrer dos depoimentos algumas siglas serão mencionadas, as quais estou fornecendo os significados numa observação ao final do artigo.

2.1. RELATO DOCUMENTADO

Este texto é parte de um documento publicado pela Revista *Trabalho e Utopia* n.º 7 (1990), de uma palestra proferido por Chico Mendes em junho de 1988, no Rio de Janeiro (MENDES, 1990, p.9-13). A importância deste material reside, sobretudo na contextualização que o palestrante fez da primeira fase da formação socioeconômica e territorial do Acre, tratando em suas reflexões aspectos da formação das categorias trabalhadoras seringueiras, da qual era representante.

Chico Mendes era natural de Xapuri no estado do Acre, foi sindicalista, militante político no Partido dos Trabalhadores (PT), chegando a ser eleito vereador por um mandato. Todavia, sua atuação política fundamental se deu na defesa da classe trabalhadora que representava e nisto, dada a vida de longa relação entre homem e floresta da qual era um sujeito a mais, encontrou nas suas lutas o sentido para a militância ecológica em defesa do homem e da floresta na Amazônia. Sua luta em defesa dos povos da floresta chocou-se a interesses de grupos econômicos e políticos. No final de 1988, este sindicalista foi assassinado em sua cidade, por forças contrárias às suas lutas.

Quero dizer a vocês que sou um seringueiro, tenho uma

participação direta na selva, na floresta amazônica, mas se hoje não estou ligado à produção extrativista, é porque não tenho mais condições, chegou o momento em que tive que sair fora, para dar apoio a minha categoria. Trabalho diretamente junto com os povos da floresta que são os índios e os seringueiros. É um trabalho que venho realizando há quinze anos aproximadamente. Comecei com nove anos de idade como produtor extrativista dentro de uma realidade diferente da que nós vivemos hoje.

O desbravamento da Amazônia começou a partir de meados do século XIX, ou seja, a partir do ano de 1877, quando começaram chegar as primeiras levas de nordestinos na Amazônia. Agora se perguntamos, a Amazônia era desabitada? Não, a Amazônia tinha seus verdadeiros habitantes, seus verdadeiros donos, que eram os índios. Naquela época [...], antes da chegada dos brancos na Amazônia, existiam na região do Vale do Juruá, do Acre, mais de sessenta grupos tribais que junto formavam várias nações e eram os legítimos donos daquela região.

Exatamente a partir de 1877, atendendo a interesses econômicos e quando a borracha ganha relevo na ocupação da Amazônia, impulsionada pela política de interesses de grupos estrangeiros e de grupos internos, aí então o tráfico de nordestinos para a Amazônia – eu falo tráfico porque naquela época o nordestino já era vítima da seca, em decorrência dos grandes desmatamentos feitos no Nordeste pelos coronéis, e chega o momento em que este povo é usado como escravo para desbravar a Amazônia, atendendo a interesses de grupos internacionais e dos patrões. Começa então uma vida difícil para o nordestino, quando milhares de famílias migraram para a região e de repente essas pessoas tiveram que entrar em confronto com os verdadeiros donos da terra que eram os índios. Armados pelos patrões, estes companheiros foram obrigados entrar em guerra com os índios; muitas tribos foram dizimadas, milhares de índios foram mortos; naquela época os seringueiros foram preparados pelos patrões e grande parte da região amazônica, principalmente do rio Purus, Madeira e Juruá foi

invulda pelos brancos e os índios daquela região foram mortos. As sessentas tribos daquela época ficaram reduzidas a umas dez tribos, mas com o tempo, principalmente após 1900 começa uma tranquilidade porque os índios já tinham sido vencidos. Mesmo assim o seringueiro começa sua vivência na selva, na floresta e inicia um verdadeiro relacionamento do homem com a natureza.

Com o tempo, nós aprendemos os costumes do índio, apesar de nós termos sido seus inimigos e responsáveis pelo seu genocídio, nós terminamos por aprender os seus costumes, as suas tradições em seus relacionamentos com a natureza, com a selva; aprendemos a conviver com os mistérios da mata, aprendemos também a usar os alimentos como eles usam, a caça, o serviço da pesca, a maioria os costumes indígenas também foram usados pelos seringueiros. Até 1970 este relacionamento nos possibilitou criar, de certa forma, uma familiarização com a selva, com a floresta, com o silêncio da mata; aprendemos os costumes, o misticismo; aprendemos que a seringueira se rege por um deus, que a caça tem um deus que rege a vida das tuças e dos animais da mata; nós aprendemos isto com os índios, aprendemos que existem vários deuses que regem os destinos da natureza e da selva.

Ao mesmo tempo durante este século, os seringueiros passaram a viver num regime de escravidão, porque apesar deles terem se transformado em extrativistas – e foi através do extrativismo que o Brasil foi muito beneficiado e nós fomos responsáveis durante este século, em grande parte, pelo sustentáculo da economia nacional – nós nunca tivemos retorno disso. Em 1900, por exemplo, os seringueiros foram acionados e transformados em guerrilheiros e revolucionários e foram eles que de armas na mão anexaram o atual Estado do Acre ao território brasileiro. Naquela época havia uma liga de grupos econômicos liderada pelos ingleses que tinham grande interesse na política de nossa borracha, e um gaúcho chamado Plácido de Castro, descontente com esta política – e já a muito que os seringueiros sendo massacrados, explorados por grupos estrangeiros –, Plácido lidera com os seringueiros um

movimento revolucionário em 1902/1903, que resultou em vitória com o acordo assinado pelo Barão do Rio Branco, e o Acre passa a ser anexado ao território brasileiro. A nossa recompensa foi a seguinte: nós continuamos, mais uma vez como escravos. Milhares de nordestinos que vieram naquela época para desbravar a Amazônia com o sonho de voltarem novamente e rever seus familiares, a recuperar sua vida no Nordeste, não tiveram a sorte de voltar por vários motivos: 1° - alguns foram mortos pelos próprios índios que reagiram em princípio; 2° outra grande parte morreu atacada por doença desconhecida naquela região sem nenhum atendimento médico, porque não havia médicos; 3° - aquele que conseguia tirar saldo, produzir borracha, tinha como recompensa uma bala dos jagunços, porque quando o seringueiro conseguia liquidar suas contas, e ter saldo e aquele saldo era o sonho para rever seus familiares, no momento que ele recebia o dinheiro, o jagunço já estava esperando lá no tronco de uma árvore, matava-o e o dinheiro era devolvido para o patrão.

Na Segunda Guerra Mundial nós tivemos um papel importantíssimo na história do Brasil, nós fomos os grandes responsáveis pelo sustentáculo da indústria pneumática que, por sua vez, garantiu a fabricação de pneus para os aviões para as forças aliadas, de modo que aquelas pessoas, os seringueiros que foram destinados à produção extrativista da borracha para garantir a guerra, eram as pessoas que realmente tinham a promessa de que, no final da guerra e se as forças aliadas vencessem, teriam uma recompensa. Nós temos apenas a informação de que, no final da guerra, o governo brasileiro recebeu três milhões de dólares para a recompensa desses soldados que se embrenharam na selva Amazônica, e nunca nenhum de nós recebemos essa recompensa.

Até a década de 70, para resumir um pouco a história, apesar de viver como escravo e ser humilhado de várias formas, a gente tinha uma garantia que a floresta, a natureza, aquele relacionamento nosso não se acabava, o nosso costume com a floresta, pois não havia nenhuma ameaça até aquele momento. Um grande problema

que existia e que esqueci de citar inicialmente foi que durante este século o seringueiro nunca teve direito a uma escola, porque para o patrão, o seringalista, não interessava criar uma escola no seringal, porque ele tinha dois problemas: se o seringueiro ou o filho do seringueiro fosse para a escola ele poderia aprender a se conscientizar e aí poderia organizar um movimento de libertação, de autonomia, então isso não era bom para o patrão. O filho do seringueiro indo para a escola implicava na diminuição da produção da borracha. Então eu, como todos os companheiros, com nove anos de idade, o nosso abc foi pegar a lâmina e começar a sangrar seringueiras para ajudar nossos pais na produção da borracha do patrão que precisava de um lucro maior para mandar seu filho estudar nas melhores universidades do país, ou então gastar altas somas em banca de jogos. O direito do seringueiro era trabalhar, produzir borracha para alimentar os interesses do patrão.

Até 1965, os seringalistas eram financiados pelo Banco da Borracha, de modo que ele tinha um seringal produzindo cem toneladas de borracha, ia no Banco e dizia: olha, o meu seringal produz duzentas toneladas e eu preciso de dinheiro para investir, e aí o banco financiava, porque também o banco não mandava nenhum fiscal no seringal, e o seringueiro era forçado a dobrar sua produção para que o patrão pudesse saldar seus compromissos no banco. Quando, por exemplo, o seringueiro via faltar o leite para dar ao seu filho e não tinha de onde tirar, ele muitas vezes vendia o produto escondido para outro patrão, e se o seu patrão ficava sabendo, mandava o jagunço buscá-lo e juntamente com ele ia ao outro barracão, tomava o produto, pegava e amarrava no seringueiro que era morto, queimado junto aquela produção. Isso aconteceu pelo menos até a década de trinta, só parou depois que veio uma denúncia ao governo federal. Naquela época para vocês terem uma idéia: uma denúncia para vir de lá do rio Juruá e para chegar ao Rio de Janeiro demorava dois anos. Até que finalmente o governo federal, naquela década de trinta, mandou uma expedição para vários rios da Amazônia e vários seringalistas

que usavam desses métodos violentos foram presos; isso diminuiu esta ação criminosa dos patrões, porém o sistema de escravidão continuou até a década de 60.

Em 1965, com o golpe militar, o general Castelo Branco acaba com o monopólio estatal da borracha e o Banco da Borracha fecha suas portas, e aí o que acontece? A maioria dos seringalistas da Amazônia que tinha altos débitos com este banco e que não tinham previsão nenhuma de que o banco ia fechar, caem todos em falência; o que o governo faz? Os governos dos estados da Amazônia vem para o Sul e faz uma grande propaganda dizendo que principalmente, o Acre tinha terras fartas e baratas e que o povo era malandro, não produzia, e eles precisavam levar o progresso e desenvolvimento para aquela região.

Em 1970, com o apoio dos incentivos fiscais da SUDAM, os fazendeiros do Sul chegaram na Amazônia, no Acre. Por que primeiro no Acre? Porque no Acre tinha saído a rodovia BR-317 e para vocês terem uma idéia, de 70 até 1975, os fazendeiros compraram com o apoio dos incentivos Fiscais da SUDAM, na região do Vale do Acre, seis milhões de hectares de terra. Nestas terras, moravam aproximadamente dez mil famílias seringueiros que ali estavam a trinta, quarenta, cinquenta anos. O que os fazendeiros fazem? Levaram centenas de pistoleiros, jagunços e espalharam jagunços por toda aquela região, estas mil famílias de seringueiros tiveram seus barracos incendiados, seus animais foram mortos pelos jagunços, algumas mulheres que estavam grávidas, morreram queimadas nos barracos, como aconteceu no rio Xapuri, sob a responsabilidade do grupo Bordon, em 1972. Enfim, criou-se uma situação de medo de terror e morte naquela região.

E aí, o porquê: o pessoal pegou a gente de corpo aberto, nós não tínhamos nenhum tipo de organização, não se tinha consciência do que fazer, e fomos dominados pelo pânico, pelo desespero e pelo medo. Estas dez mil famílias tiveram destinos muito diferentes, dos piores possíveis. Sessenta por cento aproximadamente foram para os seringais bolivianos, porque a Bolívia, a cem km de

distância, têm seringais. As outras quarenta por cento, decidiram tentar a vida na cidade, e a cidade de origem pela qual fizeram opção, foi [...] Rio Branco. Em pouco tempo, a cidade de Rio Branco se transforma numa cidade inchada, a periferia composta de nordestinos expulsos que chegaram sem nenhuma condição para arrumar trabalho na cidade, porque estas pessoas não sabiam nem ler nem escrever, despreparadas totalmente, e mesmo na cidade não havia mercado de emprego.

A partir daí, então, começa a resistência dos seringueiros que encurralados [...], vêem chegar o momento em que a igreja católica, preocupada com esta situação, inicia um trabalho de organização de base e começa um trabalho em defesa dos posseiros. (sic.).

3.2. ENTREVISTAS

3.2.1. ENTREVISTA DO SR. LUPÉRCIO FREIRE MAIA

Sr. Lupércio Freire Maia é seringueiro residente no Acre há mais de cinquenta anos. É natural do Estado do Ceará, tem hoje por volta de oitenta anos de idade. Chegou ao Acre em 1943, na condição de "Soldado da Borracha" recrutado pelo SEMTA (Serviço de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia). É memória viva dos processos sociais vivenciados por mais de meio século de vida de trabalho na floresta amazônica.

Esta entrevista foi realizada na residência do depoente no PAD Quixadá, Km 32 da BR-317, trecho de Brasília-Assis Brasil, Acre, no dia 28 de setembro de 1998. Por ter vivido todo o processo de migração forçada como soldado do exército brasileiro, ou melhor, "soldado da borracha", seu relato nos revela as impressões de quem "sentiu na pele", o drama e o desafio de migrar para uma região desconhecida e se recriar compulsoriamente como mão-de-obra braçal, numa realidade bastante adversa à terra natal, para produzir riquezas a outrem.

Olha, na seringa nativa o homem cortava duzentas madeiras, como eu cortei desde de 1943. Saía uma ou duas horas da madrugada para as estradas quando ia fechar o corte dela já eram dez horas do dia. Depois voltava para a mata, colhia aquele leite, às vezes, vinte ou vinte duas latas; ah meu amigo, era peso! Nós damos o nome de lata a uma medida que correspondia a dois litros, hoje só falamos de litros. Naquele tempo o fulano que tirou dez latas de leite era vinte litros; e nós tirava, como cansei de tirar vinte uma, até vinte três latas por dia.

Aí ia defumar, era um problema defumar. A defumação era feita com cavaco de maçaranduba, de breu, de marfim e todo o cavaco de madeira boa. Defumava numa fornalha, botando fogo por baixo e, saía àquela fumaça, aí vinha o trato. Tinha o cavador que metia na borracha para rodar. Chamava tudo para dentro daquela bacia de leite e, com uma cuia ia banhando o rolo da borracha e a fumaça levantando, e nós rodando, rodando [...] aquela borracha até que estivesse qualhadazinha e toda suada, então, levavam de novo para dentro da bacia e, passava de novo outra banhação, voltando para a fumaça novamente. Quando terminava todo aquele leite já eram onze horas da noite. Ora! O camarada vai dormir onze horas para que uma ou duas horas da madrugada se levantar para ir trabalho na mata de novo. A gente dormia muito pouco.

Naquele tempo a vida do seringueiro era a mais sofrida do mundo. Digo isso porque desde 1943 que eu luto com borracha, nunca deixei. Acabou o preço, aí eu fazia tapetes, sacos encauchados que é o mesmo couro ecológico, fazia sapato, fazia uma calandra que era um tapete que quando suja basta jogar uma

água que tá mesma coisa, não apodrece nem se acaba e, vendia tudo no comércio.

Eu cheguei aqui como "Soldado da Borracha". O problema do soldado da borracha é quando fiz a entrevista lá com o Major Farias no quartel lá em Fortaleza, foi quando começou a Segunda Guerra Mundial, em 1939. A Alemanha gritou que o mundo era tudo dela. Aí os EUA foram brigando, brigando [...], quando viu que ia perder, pediu ajuda à Rússia que era meio mundo. A primeira coisa que fez a Alemanha foi acabar com o Japão e a Itália. O Brasil não tinha potência de guerra, mas os EUA pediram ajuda ao Getúlio Vargas que assinou um contrato para os soldados ir para a guerra. E fomos mesmos, morreu muitos brasileiros, mas foi quem acabou com a Guerra.

Meu irmão era cabo no quartel general em Fortaleza e eu trabalhava com o Comandante da Marinha. Aí num dia ele me disse: – agora você vai tomar benção do pai e da mãe, esta será a última despedida deles para aqueles que tiver pai e mãe. A gente ia junto com primos, irmãos e conhecidos. Por causa desta benção ao pai e a mãe, vim para no Acre.

Os americanos tinha um quartel que todos militares que pegava jogava lá dentro, era do exército, era cadete [...]. Aqueles meninos, gente nova como eu com dezessete anos não sabia nem alitar de espingarda. Aí, não tinha pai, não tinha mãe, era pobre, era rico eles pegavam e levavam na marra. Ficamos lá por 95 dias, então chegou um coronel americano e disse: – agora vocês vão fazer o curso no Porto do Prado. Dona Stella, uma americana loura alta, era quem fazia o contrato.

Nós tinha muito medo de vir para a Amazônia, porque dizia

que aqui tinha um bicho que engolia dez homens de uma vez e ainda ficava chorando de fome. Imagine nós que era todos magrinhos! Aí eu dizia, vamos embora para a linha de frente que é muito melhor. Mas aí chegou um velho que esteve na Revolta do Acre e, que teve uma licença de entrar lá e pegou a dar conselhos, dizendo que a linha de frente estava pesada, que eu pegasse o outro roteiro para a Amazônia. Então, foi quando à noite eu disse para o meu irmão que se chamava Raimundo, vamos assinar o contrato com a SEMTA americana e vamos para a Amazônia, acho que é melhor para nós, porque um velho como aquele, com quase noventa anos, não valia mentir. Aí meu irmão disse: – eu vou é para a linha de frente; aí convidei o Pedro Bezerra da Cavalaria, e ele disse que topava. No outro dia, fizeram uma fila e a Dona Stella olhava o documento e perguntava: – como é soldado vai para a linha de frente ou para a Amazônia? Quando respondia linha de frente ela fica triste; mas quando respondia para a Amazônia ela ficava alegre e dizia: – esse é cabra dos bons. Aí foi a minha vez e eu disse que vinha para a Amazônia, depois foi meu irmão e, ele disse que ia para a linha de frente. Nunca mais se encontramos, soube que ele voltou todo machucado e durou, ainda 42 dias e morreu, mas eu já não tava mais lá. Meus primos que foram nunca mais voltaram.

O porto de onde partia os soldados recrutados era o Prado em Fortaleza, o Maracanã em São Luís, o Tapanã em Belém e o Ponta Pelada em Manaus, o derradeiro porto. Em Manaus se decidia o destino nosso e, daí saía guarnecido, já era o Exército. Conforme as coisas era feita em Ponta Pelada, passava-se para um navio de água doce tocado a lenha na caldeira – o nosso era o Navio Sapucaia. Às vezes, os seringalistas tirava lenhas para vender, mas

quando não tinha nós mesmo tirava. O navio vinha para Rio Branco, onde era o porto para todos trabalhadores que vinha para o Purus, daí seguia seu destino junto com o seringalista. Outros grupos pegaram navios de Manaus para outros rios, como Jurupari, na região de Feijó e Tarauacá, outros para o Juruá, outros ficaram no Amazonas.

Nosso contrato era de três mil réis por dia, mas dinheiro não peguemos. Só que o dinheiro veio para o Brasil. Em que ocasião que foi empregado este dinheiro? Foi todo para a Nova Brasília e para a Transamazônica.

Quando nós chegava no seringal, o patrão era quem nos avaliava. O quilo da borracha era oito mil réis, mas com isto se comprava muitas coisas. Um quilo de açúcar era duzentos réis, que valia dois tostão; um quilo de banha do Rio Grande do Sul era quinhentos réis que valia cinco tostão [...]; tudo vinha de fora porque aqui não tinha nada, só produzia borracha. Aí nós vinha, o patrão avaliava o mateiro que picava as estradas; fazia uma casinha para nós se socar dentro dela. O aviamento vinha pelo varadouro. Nós chamava estrada de seringa, mas eram dois caminho diferentes. O varadouro era o caminho por onde andava todos e retirava a produção e, a estrada era um caminho que ligava uma árvore a outro e a gente passava cortando seringa.

Quando eu cheguei em Rio Branco, seu Alfredim, tinha um supermercado, naquela rua Getúlio Vargas era tudo dele. Aí eu me dei com esse homem. Trabalhei com ele descarregando navios, porque quando cheguei tava doído para ganhar um dinheiro e ele me convidou. Ele nos pagava um mil réis por dia para bater a carga do armazém. Fiquei aí trabalhando, às vezes ele me dava o almoço

porque no quartel a comida era meio pesada. Aí encontrei com um amigo de minha família o Coronel Fontenelle de Castro: – você é Lupércio filho de Matias? Sou. Fique aqui na Velha Guarda, o que você vai fazer no seringal? Disse ele. Passou uns dias e chegou duas lanchas para levar soldados para Brasiléia e Xapuri. Eu e minha turma pegamos para Xapuri, Gaspar, Zé Neto, Pedro Bezerra, Crispim; Zé Neto seguiu para Brasiléia, nós ficamos em Xapuri. Eu fiquei trabalhando lá na Velha Guarda, onde hoje tem o hospital de clínica. Ali tinha um canavial do território, que para gente ir para lá tinha que passar dentro da mata bruta, via as tigelas embutidas, as castanheiras. Quem puxava na manjarra era nós mesmo porque aqui não tinha boi naquele tempo. Fazia-se rapadura, mel. Aí os soldados diziam: – rapaz nós não ganha nada.

Bem, quando foi um dia, fomos para Rio Branco, eu, Miranda, Joaquim Lourenço, Edgar Santos, Barra Preta e Calça Preta, de lá para o Palácio; a secretária era uma velha que nos atendeu. Ela disse: – o governador está adoentado para lhes falar hoje, mas chegou notícias boas para vocês. O Coronel Alfredo Vieira Lima disse que vêm cinco lanchas buscar todos que tiver aqui e levar para o Seringal Guanabara no Rio Iaco. Então dissemos que tava bom e, ela pediu para voltar a tarde.

Voltamos para o quartel e a tarde fomos falar com o governador Silvestre Coelho que confirmou tudo e disse que a notícia tinha vindo pelo correio. O correio naquele tempo para vir de Sena Madureira a Rio Branco gastava três meses. O governador disse: – o Coronel Vieira Lima vai levar vocês para o Seringal Guanabara. Eu perguntei, mas Excelência para onde fica isso? – Vocês vão para Boca do Acre, depois vão pegar o Rio Purus até a boca do Rio

Iaco, passa pela cidade de Sena Madureira e, o seringal do coronel é o cima. Tá bom. nós vamos, respondemos.

Embarquemos para Boca do Acre e daí para Sena Madureira e, lá estava o coronel que nos recebeu. Aí continuemos a viagem por mais 25 dias até as cabeceira do Iaco, no seringal dele. Ao tudo gastemos 40 dias de viagem. Fomos trabalhar, cortar seringa, os mateiros eram nos ensinava abrir estrada. O seringal do coronel tinha quinhentas colocações. Havia colocação tinha que pegar de três homens para trabalhar. Eram duzentos burros para aviar e arrregar a produção no seringal, levando a mercadoria e trazendo para o barracão a produção de borracha do seringueiro. Fizemos muita borracha a oito mil réis. Eu ia cortando queria ganhar mais dinheiro tinha ano que fazia 2700 a 2800 Kg de borracha. A borracha feita em janeiro de um ano somente era pesada no janeiro do ano seguinte e, aí era ferrada e ia tudo para a J.G. Araújo em Manaus. A borracha baixava no início do ano, quando era para o meio do ano chegava as contas e pagava nosso dinheiro em contos de réis. Aí se o camarada botasse porqueira no meio da borracha já vinha descontado. Depois que se acabou isso, virou uma bagunça.

Mulher no seringal não tinha, às vezes, ainda tem deles vivos para contar a história também, nós fazia festa e dançava homem com homem. Mulher não entrava dentro por que não existia. Era mais difícil ver uma, quando se via era a bordo de navios que vinham de Belém ou de Manaus, mas nos seringais era difícil ver mulher. A migração Getúlio Vargas, só pode chegar em 1950-1952, aí vieram famílias, mas nas eras de 1940, da SEMTA americana, não vinha família, eram homens contratados como “soldados da borracha”.

Essas festas, às vezes, pegava de São João a São Pedro. A cachaça vinha era num garrafão de vinte litros em cangaiais nos burros. No barracão do coronel nós comprava de tudo o que vinha da J.G Araújo, tinha terno de gazumira aurora, terno tropical maracanã [...]; nós ia dançar homem com homem mais todos engravatados. Naquele tempo não existia espingarda, somente tinha 44. As confusões, às vezes, era só porque um queria dançar com aquele mais aparentado e outro já estava dançado. Tinha muita comida, matava anta, torrava carne, quando era umas horas da noite uns dizia: vamos dar um salva para São João, aí era o estouro das 44, dezoito a dezenove tiros. Nisso passei cinco anos sem ver uma mulher. Na margem tinha uma, mas era do comboieiro, o coronel não trazia a família que parece que morava no Rio de Janeiro. Mas quando pegava algum dinheiro nós baixava para as cidades e ia brincar com as mulheres, beber, dançar.

Houve época que os patrões trazia mulheres e vendia para nós. Vinha nos navios as mulheres e aqueles seringueiros que tinha saldo ia até o navio nos portos e, o patrão vendia uma mulher para ele. Isto já tinha antes de nós dançar homem com homem e foi até antes da migração Getúlio Vargas que veio famílias. Mas a compra foi uma bomba. Este coronel só inventou isto por um ano e não quis mais. Se a mulher não se desse na colocação o seringueiro tinha que deixar ela no barracão e ainda pagar para ela voltar para Belém do Pará; teve seringueiro que ficava devendo era muito. Eu não cai nessa, depois com a migração Getúlio Vargas que a coisa começou mudar, hoje tá muito bom de mulher.

A vida do seringueiro era aquela lastima. Os seringais dos patrões era um cativeiro. A borracha, quando cheguei aqui em

1943, era oito mil réis o Kg e se vendia na casa Kalume e casa Gullio em Xapuri, por exemplo. Já no Rio Iaco que eu trabalhava, tinha o Coronel Alfredo Vieira Lima, no seringal Guanabara, Ucuriá, Patrópolis que hoje ficam todos dentro da Reserva, ele comprava minha produção e, levava a borracha para Manaus.

O Chico Velho, pai do Chico Mendes, era um homem que procurou também adquirir melhores, mas naquele tempo era muito sujeição. Os patrões seringalistas eram que monopolizava aquilo ali. O seringueiro era sujeito a ele. Agora com este coronel que trabalhei, era até bom. Havia diversos patrões, que não eram todos, mas alguns, que quando o seringueiro tirava saldo pagava era com tulo, matava [...]. Agora o Coronel Alfredo Vieira Lima, que trabalhei com ele era dono, a bem dizer, de quase todo o Iaco, até umas cabeceiras, não era homem para isso. Ele pagava o saldo do tulo, o camarada ia buscar sua família no Ceará, às vezes ele dava a passagem de graça. Era um camarada muito bom, não eram todos que fazia isso.

Bem, quando viemos, o Acre era um território atrasado, depois passou para estado e se foi pelejando surgindo mais leis e chegou aí. A Velha Guarda, mas era muito atrasadinha, o delegado ali era comprado pelo seringalista. Mandava buscar um seringueiro, aguilava, prendia, às vezes, matava e por lá ficava jogado o corpo nas estradas; era assim o problema.

Na época que passou a Estado, foi chegando o INCRA, a EMATER já com negócio de os seringueiros fazer cadastro de sua produção. Mas deu o maior problema do mundo o cadastro dos seringueiros, no INCRA, porque as colocações era dentro dos seringais. Eles iam bater a donde o seringueiro tava em Brasília,

Mâncio Lima, Tarauacá, Cruzeiro do Sul. Os seringalistas fizeram a maior confusão para que o INCRA não fizesse mais cadastros dos seringueiros. Porque o seringueiro não tinha documento nenhum da colocação e o seringalista monopolizava todinho, ali ele fazia e desfazia. Mas as autoridades foram encarregando, foi chegando os órgãos como o INCRA, foi desapropriando terra. Nessa confusão, antes tinha chegado os bancos que forneceu dinheiro para os seringalistas que não puderam pagar, então começou o problema. Para nós foi bom que eles não pode pagar o banco, aí era a nossa vez. O banco passou a mão em tudo, entraram as reformas, a lei, os sindicatos que juntou os seringueiros e fez uma grande união com o pessoal da CONTAG, Dr. João Maia, o Dr. Pedro, os padres e as irmãs davam a orientação de tudinho.

O Chico Mendes, não tinha estudo, mas foi um homem reconhecido, morreu e ficou na história, era procurador de vida melhor para todos. Ele pelo meio disso, andava com o padre. Eu também andei muito com o padre e com as irmãs no meio da mata, nas casas dos seringueiros, andavam uma, duas horas na mata com a Irmã Patrícia, Irmã Madalena, o Padre Paulino, o Padre José que já faleceu e, com o Padre Heitor também. E o Chico Mendes acompanhava e dizia: – olha como é, a borracha é assim se está com aumento, o patrão pega o aumento e não paga para vocês, porque o patrão tira na conta do seringueiro roubando a metade dos quilos da borracha e o resto rouba na mercadoria. Aí eles pegavam aquelas contas correntes e dizia: – olha meu filho, este aqui roubou vocês muito.

Assim, os grandes capitalistas foram criando rixa com o Chico Mendes e com os padres. O Chico ia passear nos países

estrangeiros, nos EUA, por lá aí levando esses problemas e quebrando leis, né? Foi no tempo que o INCRA pegou a desapropriar terra; os seringalistas tava vendendo os seringais e já não podiam pagar o banco, mandavam então, desapropriar aquilo e tirava uma renduzinha. Aí foi chegando gente do Sul, chegando [...], e o Chico no meio; lá não sei que problema que aconteceu e mataram o Chico Mendes.

Aí deu grandes problemas lá com os EUA, com países estrangeiros porque tinha matado aquele seringueiro. Então foi tomada providência. Tomou mais providência de que para o Raimundo Pinto que era o governador que mataram e, até hoje, não se sabe como foi. Sei que mataram o Chico e o nome dele ficou na história e, daí nasceu esta reserva que tem o nome falecido Chico Mendes e que tá toda demarcada; o Exército e o IBAMA fez tudinho. A família dele eu conheci, o pai e a mãe todos cortando seringal no seringal do rio Xapurí, eles viviam numa colocação que se chamava Natul.

Agora na reserva, lá dentro a miséria é grande, eu tive lá e vi uma necessidade medonha. A reserva é grande, mas andei mais o IBAMA, eu e Vilani e fazia horror ver as roupas; as pobres mulheres tinham as coisas, nua e crua; teve deles que nem o sal não tinha para cozinhar a carne. A maior lastima! A maior miséria aí dentro da Reserva Extrativista. Por isso o cabra diz que o dinheiro vem para o seringueiro e eu digo, mas não pode ser? Pode até o poder de Deus mandar para nós, mais chegar mesmo, chega não. Coisa boa aí para a reserva não vem, tá certo que ela garantiu a floresta, mais a miséria é grande lá.

Aqui tem a CAPEB e a AMOREB. A CAPEB é uma associação

que levanta muito e protege a nós, castanheiros e seringueiros; mas é a AMOREB que mexe mais com os negócios da Reserva. Para nós, seringueiro é a mesma cantiga, não chega nada lá dentro, digão porque alguns que passam por aqui e pergunto, quanto você pegou? Aí responde: – peguei seiscentos reais; outro pegou quinhentos reais, isso não dá para comprar nada para eles, imagine isto num ano.

Acho que naquilo ali, se um seringueiro tem direito de pegar dinheiro que vem de outro país a fundo perdido, era para ser muito mais confortável. Não tem rodagem, é uns ramais velho todo cerrado. Agora foi que fizeram uma estrada de Assis Brasil, das três fronteiras a beira do rio Iaco. Foi a trator, não passou lâmina, não passou nada. Os seringueiros, agora tão tirando arroz, milho, porcos e um gadinho. Isto porque tem esse caminhozinho.

Uma coisa que eu achei bonita foi que o Prefeito de Assis Brasil foi dar assistência às máquinas levando óleo e, por lá um rapaz levou um tiro de espingarda na cabeça; aí chegaram e pediram para que a caçamba levassem o homem, mas nisso chegou um carro pequeno também do prefeito e ele mandou trazer o homem, que já vinha a seis hora numa rede. Quando chegou em Assis Brasil, o homem tava com o corpo todo ensanguentado, foi feito um tratamentozinho no posto e aí tiraram para Brasília. Em Brasília retiraram os caroços de chumbo, fez o tratamento, deu injeção contra o tétano e, graças a Deus, o homem vai escapar. E se não tivesse a rodagem, como teria sido, lá há oitenta e quatro Km e mais seis horas de caminhada, carregando na rede, subindo ladeiras mata adentro, passando por meio de tabocal e igarapés, pulando pau, não tem ombro de homem que aguenta! Ele teria morrido lá! É um problema a situação dessa região que vem da Reserva.

Para o pessoal que trabalha na beira, como eu nesta pulverização, no projeto de Assentamento do INCRA, isso aqui era uma colocação chamada Rio de Janeiro, não tinha estrada, não tinha nada também foi difícil e ainda é. Aqui eu tirava 400, 500 barricas de castanha. Uma barrica de castanha é seis latas e, eu trava este tanto. Hoje em dia acabou, foram derrubando e devastando tudo na floresta; é muita gente.

Uma coisa que num sei como será, é que o camarada, às vezes, comprou a terra e ia devastando para criar gado, derrubava vinte alqueires ou mais, ia acabando com a floresta, será que não pode dar uma seca aqui? Se der uma seca será pior que lá no Nordeste, porque seca as águas, vai tudo embora e, tudo isso acaba em fogo, porque aqui não tem quem dê jeito em apagar o fogo.

Veja só, com a seringueira quantas famílias foram criadas e custa daquela borracha? Milhares de famílias daí fazendo o pão de cada dia, criando seus filhos, tiravam o leite, fazia a produção daquela árvore para compra esta alimentação. A castanheira do mesmo jeito. São duas árvores que nunca podia ser derrubada, não podia ser devastada por nada. Eu tenho pena quando vejo um sujeito meter a moto-serra numa castanheira ou numa seringueira, derrubar e depois o fogo acabar de matar.

Eu não tenho nada aqui, a minha casa é esta, minha usina de borracha é no chão e coberta com patuá. Todo dia de manhã tenho que cobrir as bandejas para não cair imundices dentro. Se eu tivesse milionário eu tinha uma casa de distribuição, de 12 x 12 toda coberta de alumínio, tudo de bom dentro. É assim, você tem inteligência e consegue trabalhar, mas é só Deus que protege porque o homem da terra não protege nada (Sic.).

2.2.2. ENTREVISTA DO SR. OTÁVIO NOGUEIRA

Sr. Otávio Nogueira é um seringueiro reassentado no PAD (Projeto de Assentamento Dirigido) Quixadá, área do seringal Santa Quitéria, BR-317, trecho de Brasília-Assis Brasil. É natural do estado do Ceará, mas chegou ao Acre no início da década de 1960 para trabalhar como seringueiro. Constituiu família e fixou residência. No período de 1970-1980, conviveu e participou dos momentos de intensos conflitos pela terra que se desenrolou nesta microrregião. Foi líder comunitário de CEBs (Comunidades Eclesiais de Bases) e sindicalista do STR/Brasília (Sindicato dos Trabalhadores Rurais), do qual ainda participa ativamente como delegado sindical de sua área no PAD Quixadá.

A entrevista foi realizada no dia no dia 15 de maio de 1998, no salão de reunião da sede da AMOREB em Brasília, após um Conselho Sindical do STR/Brasília. Seu depoimento é um rico testemunho dos momentos de conflitos vividos nas últimas décadas do século XX, e para a compreensão do cenário em que se firmaram os agentes que dão a dinâmica ao trabalho familiar e ao surgimento dos movimentos sociais no campo acreano, hoje.

Bom companheiro, eu sei o que sentimos com essa chegada desse pessoal que vieram do sul e a venda das terras para eles, quando nós estava muito bem aqui, porque moro aqui desde de 1964. Nós vivia de tudo que a natureza oferecia, borracha, castanha, couro silvestre de onça, gato rajado, lontra, enfim a gente sentia bem no conforto da mata porque tinha muito. Quando os homens chegaram aqui, os primeiros compradores de terra em 1970, ocorreu tipo de choque nos seringueiros, porque naqueles tempos não tinha projeto de colonização, era só seringueiros. Havia agricultura sim, porque todo o seringueiro plantava e tem de tudo, mas não era projeto.

Então eles chegaram com os documentos nas mãos, um mapa, a escritura da área que havia comprado que era os seringueiros que,

no nosso caso era o seringal Santa Quitéria, dizendo que nós tinha que desocupar a área, que a terra era deles e iam fazer fazenda naquilo ali. A gente só conhecia fazenda aqui na Amazônia, como as roupas que vestia e pensava que era roupa, roupa de algodão. Aí foi que nós interpretou e eu disse: Mas senhor, isto aqui é meu. Eles responderam: – então cadê seus documentos? Me apresente para provar que é. Aí alguns de nós, como eu disse para eles: eu não tenho documento feito em cartório não senhor, mas tenho um documento aqui que é a minha pessoa e a minha família que está aqui desde a hora que chegemos a tempos e, tou aqui sabendo que isto é meu e se não é a terra, é a benfeitoria, a casa, o plantio, os bichins, o que tem é meu. Fora a terra o que tem é os bichos do mato, sobrevivência que Deus deixou para nós sobreviver. Ele respondeu: – não senhor, ninguém quer saber disso, dou-lhe um prazo de vinte e quatro horas para que vocês se retirar de minha terra, pelo contrário vou requerer um despejo judiciário e se não quiserem mando queimar a casa. Ele só não fez falar, mas deu para entender que estava mesmo era prometendo mortes e crimes. Nós então respondemos que se ele fosse homem que viesse fazer isso e iria ver qual era a resposta nossa; e o homem saiu reafirmando o tempo que tinha dado.

Aí companheiro destes choques vieram os conflitos e começaram a queimar casas e expulsar famílias inteiras. Teve gente que não agüentou e saiu mesmo sem conversar, com medo de ser prejudicados, mortos ou ter que matar. Mas aí chegou esse movimento da criação dos sindicatos com a CONTAG de Brasília, que mandaram um delegado regional para orientar, organizar e mostrar o direito do povo encima do Estatuto da Terra, a Lei 4504, que juntamente com o povo criou o sindicato. O delegado era o Dr. João Maia e ele nos ensinava que nós só podia sair da terra se fosse de comum acordo, recebendo indenização pelas benfeitorias. O que ele queiram era que nós não negociasse a terra por dinheiro, mas exigisse terra para continuar a trabalhar. Falou também do tamanho das áreas que nós tinha direito para criar nossa família;

falou dos financiamentos e outros benefícios que ia chegar para nós, como tá chegando agora. Mas nós resistimos muito, fomos obrigados a fazer empate de derrubada.

Eu empatei o desmate de quatrocentos e tantos alqueires com oitenta e três companheiros seringueiros na Fazenda Três Fronteiras, aqui na margem da BR; Manuel Bento Filho empatou no Km 84 o desmate com quarenta e cinco companheiros, lá teve choque. O Delegado regional foi na polícia e mostrou para eles que não podiam entrever em problema de trabalhadores, só em caso de crime, porque os fazendeiros era acostumado falar com a polícia para eles vir dar pisa na gente. Foi também à Justiça e breçou o Juiz, dizendo a ele que somente juiz de agrário era quem podia entrever em causa de conflito como o nosso. Foi aí que eles perderam a cabeça e matou o companheiro Presidente do Sindicato, o finado Wilson, que era meu compadre e meu vizinho. Aparecia embaixo da porta de nosso sindicato, cartas de ameaças aos nossos companheiros. Aí eu vi que a chegada desse povo fez que a gente sentisse muito mal.

O representante do sindicato era que nos orientava e dizia como era que podia assegurar a terra, como ficar e breçar através da união alegando que tinha filhos e não tinha outra profissão, que o que sabia fazer era só trabalhar na terra e que a terra era responsável por nós desde nos criar até depois de morto. As únicas coisas que nós tinha fé, era em Deus e na terra e, esses homens tinham que reconhecer e dar o nosso pedaço para não nos jogar na cidade para a sofrer.

Por isso companheiro que digo, aquela época foi muito prejudicial para gente. Tá certo que foi depois de 70 que começou a sair escolas, postos de saúde, assistência médica e até mini-usinas que produzia a borracha de melhor qualidade desse Brasil. Tinha órgão como a SUDHÉVEA que o Sindicato pediu que eles vissem dar assistência aos seringueiros. Mas o desmatamento das terras pelos fazendeiros acabou até com a arrecadação de impostos deste município; antes a gente produzia toneladas e toneladas borracha

e castanha, hoje vejo que tudo acabou! Hoje alguma produção que tem é comercializada com a Bolívia, porque o preço não vale nada aqui. O boi, só quem pode criar é o fazendeiro porque tem muita terra; o agricultor só pode criar umas vaquinhas de leite para dar um filho, porque a terra dele é pequeninha e precisa desta terra para a agricultura e para a reserva ambiental e, ainda tem as terras ulugáveis. Veja então, numa área de 50 a 80 hectares como no PAD Qulxadá, nós os seringueiros e os colonheiros tamos prejudicados. Se não fosse a Igreja e o Sindicato que nos orientou na terra, não sei não!

Os orientadores da Igreja eram os padres, eles dizia para nós: – filhos o bolo que Deus lhe deu é a terra, cada um filho de Deus tem direito a uma fatia desse bolo. Mas este bolo no Brasil tá nas mãos de umas 25 pessoas e, o resto da população tá toda massacrada, morrendo de fome, sendo violentada, porque trabalham de meia, de renda, de porcentagem, de terça, por não ter um pedacinho de terra ou porque o seu pedaço não dá para viver toda família. O Brasil tem terra para todos. E vocês já tá aqui meus filhos, assegure o que Deus como pai deu a vocês a terra como herança. Aí nós dizia: mas padre, ele veio aqui em casa com a escritura e disse que era dele! Eu não tenho documento. Ele respondeu: – mas meu filho, a união faz a força, vocês se reúne e digam para esse homem que não tem para onde ir. Vocês não são brasileiros? Deus deixou o homem inteligente que criou as leis para dizer que vocês é brasileiro e que Deus é o pai de todos. O bolo é de vocês, só precisa se unirem para ter direito a uma fatia. Encenou então essa pregação e a gente confiou naquilo empatando as derrubadas, fazendo nossas tocinhas, dizendo que não tinha para onde ir. Mas antes teve muitos conflitos.

Nós sentimos muito mal com os conflitos, ainda estamos aqui lutando e até sentindo no coração a dor pelos companheiros que morreram, mas a organização do sindicato, a CONTAG e a Igreja apaziguou a guerra. Hoje já não ando mais com a poronga na cabeça cortando seringa, como fiz por muitos anos, saindo uma

hora da madrugada de casa. Tou com um lote de terra de 80 hectares e já recebendo alguns daqueles benefícios que o Dr. João Maia nos ensinou que quando nós unisse em vinte ou trinta famílias ia chegar estrada para escoar a produção, escola, assistência na saúde [...] e, que o governo era obrigado a nos dar tudo isso. Foi com estas palavras deste povo que nós agüentamos e ainda tamos por aqui.

Tou recebendo alguns financiamentos, mas tou prejudicado pelo próprio financiamento. Os homens sabidos vieram tecnicamente em nossas casas dizendo que nós tinha direito a um financiamento a 3% ao ano, daquele capitalzinho; o sindicato ajudou dizendo que era bom para nós. Depois apareceu lá no banco uma tal correção monetária e um tal JPL, e o resultado é que vamos ter de pagar de 60 a 80% de juros, por isso tamos prejudicados. Se não fosse isso tava com o pedacinho de terra, mas era só nosso. Nós somos autônomos ainda porque não tamos pagando renda de porcentagem, porque se organizamos. E hoje tou dando estas palavrinhas para o senhor dentro de uma organização de nosso sindicato, mas para mim nós fomos mais prejudicados de que beneficiados.

Nós vivia livre, depois eu fiquei encheirado dentro de um chiqueiro que é um lote que a briga ainda ficou maior. Hoje tamos brigando vizinho com vizinho por causa disso. Todos nossos lotes precisa de ser cercado e, para cercar precisa de arame, este arame só vai sair para nós se for financiado. No tempo que nós viva lá no volume, na mata que Deus deixou, nós plantava sem precisar cercar. Nós morava longe um do outro com uma, duas, três, quatro horas, tinha colocação a cinco horas para outra. A gente plantava e bicho de ninguém ia lá; bicho do mato não mexia, não precisava nada, nem de comprar arame, veneno, nem nada. Então, por isso acho que nós naquele tempo, tava melhor. Hoje tá mais desenvolvido, tem saúde, escola e até educação lá dentro, mas tá pior. Tamos liberto na democracia, mas a democracia é boa e a gente sabe disso, mas se fosse uma democracia que tivesse moral, que tivesse respeito e ordem e, ela tá uma democracia sem moral.

sem respeito e sem ordem. Eu sou analfabeto, mas conheço porque tenho a vida. Existe democracia só para quem tem dinheiro aí ela é democrática, mas para nós que não tem ela não é (Sic.).

A CARACTERIZAÇÃO DAS PALAVRAS CHAVE PARA A APREENSÃO TEMÁTICA DA FORMAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA SERINGUEIRA

No processo de textualização dos depoimentos acima apresentados, considerando mais que a repetição, a importância significativa das palavras, pode-se perceber que algumas delas ganham importância fundamental para a caracterização e apreensão coletiva do processo de formação social do trabalho rural nesta região estudada. Partindo desta constatação e entendendo estas palavras como signos da questão, podemos identificá-las, agrupá-las e reelaborar eixos temáticos conforme foram apresentados. Assim para fins analíticos, definimos a partir destes estudos os seguintes eixos temáticos para discussão, mas que também sintetiza as questões apresentadas nos relatos:

EIXOS TEMÁTICOS:

1) Mobilidade espacial do capital e do trabalho: conflitos e formação da mão-de-obra.

Palavras chave: Floresta Amazônica; migração nordestina; tráfico de trabalhadores; venda de mulheres; produção extrativista; migração de mulheres.

2) Constituição da estrutura e atividades produtivas.

Palavras chave: Indústria pneumática; economia nacional; produção

Algunhas siglas que apareceram corpo das entrevistas e, que não estavam sucedidas e foram significados foram: INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária); IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente); EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural); CONTAG (Confederação dos Trabalhadores na Agricultura); CENAP (Central de Associações de Produtores Rurais de Epitaciolândia e Brasília); AMOR (Associação dos Moradores da Reserva Extrativistas de Brasília); SUDHÉVEA (Superintendência de Desenvolvimento da Hévea - "borracha").

extrativa; monopólio; extração do látex; aviamento; trabalho acessório; ajuda; seringal; barracão; colocação; PAD; reserva extrativista; associações; venda de terras; venda de produtos.

3) – Forças produtivas: Capital & trabalho na Amazônia.

Palavras chave: Coronel; patrão; fazendeiro; velha guarda; polícia; soldado da borracha; indígena; seringueiro; posseiro; agricultor.

4) – Dimensões de conflitos.

Palavras chave: Desbravamento; ocupação da Amazônia; genocídio; sujeição; venda de terras; miséria; medo; morte; isolamento; migração recente (para a cidade e para a Bolívia); divisão da terra; expropriação; empate; resistência; autonomia do seringueiro.

5) – Resistências e movimentos sociais.

Palavras chave: Expulsão; conflitos; conscientizar; resistência; organizar; movimentos sociais; união; apoio; sindicatos, Igreja; CONTAG; associações.

6) – Costumes e resistência na constituição do imaginário social do seringueiro.

Palavras chave: Costumes; mistérios da selva; familiarização com a selva; varadouros, árvore (seringueira); Deus; história; empate; colocação; barracão; seringal.

7) – Mobilidade, conflitos e gêneros de vida.

Palavras chave: Migração masculina; migração familiar; tráfico de mulheres; indígenas; nordestino; centro-sulistas; família; homem; mulher; filhos.

Os eixos temáticos apresentados estão contidos ao longo dos depoimentos, em que de maneiras diferentes apresentam o sentido coletivo dos discursos. Estas temáticas expressam, num amplo sentido, a questão da formação socioespacial do trabalho na Amazônia-acreana, como expressão de conflitos, angústias, propostas de superação e de resistência coletiva desta categoria de trabalhadores em processo de transformação. A expropriação atinge-os e a resistência gerada por estes grupos sociais, pode ser notada na busca da construção de uma

identidade social que, de certa forma, foi quebrada no contexto das transformações impetradas pelos recentes processos de reprodução do espaço agrário acreano. Aos que resistem, a autonomia como produtor rural independente (em atividades agrícolas/agropecuárias ou agroflorestais), é o desafio a ser alcançado. Sua ação coletiva e política demonstram na organização de sindicatos e associações, as dimensões da recriação de uma categoria camponesa na Amazônia, em meio à diversidade social e espacial agrária acreana.

4. ALGUNS APONTAMENTOS PARA A APREENSÃO DOS DEPOIMENTOS

Considerando os quatro depoimentos e os eixos temáticos para a pesquisa, vamos apresentar neste item alguns apontamentos que auxiliam na interpretação destes documentos, sobretudo para aqueles leitores não muito habituados com a História e Geografia da Amazônia Brasileira Ocidental.

Os dois depoimentos que caracterizam a migração nordestina (Chico Mendes e Lupércio) analisam aspectos da formação da mão-de-obra seringueira, iniciada por volta de anos de 1870. O trabalhador que, inicialmente, foi apresentado como produto do tráfico e se reproduzindo por trabalho escravo caracterizava o processo de recrutamento no Nordeste, a migração para a região produtora da borracha e as condições de reprodução no seringal, que se constituía por processos de peonagem, escravidão por dívidas (MARTINS, 1997) ou ainda, pela formação de trabalho compulsório (SILVA, 1982). A situação comparada com os “soldados da borracha” (já no final da década de 1930 e início de 1940) é apresentada com um agravante, pois o agenciador destes trabalhadores era órgão do aparelho estatal, que permitiu a contratação de estrangeiros aprisionando brasileiros em território nacional e colocando-os a trabalho de seus interesses; tratava-se de uma mão-de-obra deslocada como estratégia de uma economia de guerra, em que o Brasil era apenas um colaborador.

Um aspecto levantado pelo Sr. Lupércio que cabe atenção especial, é a questão da venda de mulheres em meados do século XX, o que ele demonstrou tratar de um verdadeiro tráfico de escravas. Este fato não é algo totalmente desconhecido na historiografia acreana; oralmente, isto é contado pelas pessoas, como algo que não era tão estranho aos mais velhos, todavia, em trabalhos escritos, parece-nos ser uma parte pouco explorada, talvez pelo aspecto pouco digno que este comportamento demonstrava, como ocorreu noutras partes e tempos históricos no mundo (Cf. THOMPSON, 1998, p. 305-352).

Ademais, os maiores conflitos apontados foram aqueles que ocorreram com a chegada da frente pioneira agropecuária e as correntes migratória centro-sulista, por volta do início da década de 1970, implementando novos processos reprodutivos na região, sob a velha estrutura fundiária concentrada. Estes novos processos se revelam com grande capacidade de transformar não só a estrutura produtiva decadente dos seringais, mas a realidade de tradições e costumes sócio-culturais recriados por quase um século de convívio com as especificidades regionais. Nisto alterava a estrutura agrária, mas revalidava a estrutura fundiária, redimensionando-a para a produção agropecuária ou para a especulação imobiliária em propriedades de grandes portes. A luta não era apenas de resistência contra a expulsão da terra, mas contra as ameaças da expropriação de um modo de vida que na convivência dependia da floresta para sua existência, contra outro que em sua essência produtiva tinha que destruir a floresta para se viabilizar e, o trabalhador migrante centro-sulista era também um agente desta frente agropecuária; daí o conflito entre trabalhadores seringueiros e trabalhadores migrantes expresso nos quatro relatos.

No âmbito geral, aponta-se para a apreensão destes processos no contexto da afirmação da estrutura reprodutiva capitalista que, em sua dinâmica histórica, sempre esteve em plena conexão com o espaço internacional (economia da extrativa da borracha) e/ou nacional (em tempos recentes).

A constituição das estruturas produtivas na região manteve uma dinâmica em que no período da economia extrativista, os trabalhadores

vinculavam-se aos processos produtivos por fortes laços que os amarravam em uma cadeia de fornecimento (o sistema de aviação) interna no seringal. Ao mesmo tempo, ao se externar da região para mercados mais amplos, os seringalistas estavam ligados a outras instâncias por sistemas semelhantes que chegavam até o grande capital industrial sediado no exterior, que financiava a produção.

Nos períodos mais recentes com as transformações ocorridas após a década de 1970, com a criação das fazendas de gado, colonização e projetos de assentamentos, as estruturas produtivas serão caracterizadas com o aparecimento de séries de propriedades autônomas que se vinculam direto ao mercado no âmbito local e regional. Neste contexto é que a constituição das forças produtivas se mostra nos embates entre o capital e trabalho, em nível local e regional, dando dinâmica aos processos de expropriação e resistência dos trabalhadores seringueiros e de outras categorias camponesas amazônicas.

As dimensões dos conflitos se dão como parte da dinâmica imposta na conjuntura da ocupação regional (fronteira econômica), com as frentes de pioneiras que sobrepõem a produção econômica, os modos de vida e as culturas preexistentes (os indígenas no século XIX, a economia extrativista e os Povos da Floresta na década de 70 do século XX), recriando-as em novas realidades socioespaciais. Aqui cabe uma observação de que, conforme THOMPSON (1998, p.304), “não existe desenvolvimento econômico que não seja ao mesmo tempo desenvolvimento ou mudança de cultura”. Isto nos parece, então que nos apontamentos dos relatos, há uma demonstração clara de que as situações desde a violência humana/social que atingem os “povos da floresta” atualmente, até a violência contra o próprio meio ambiente amazônico, reflete na recriação de uma nova consciência e identidade social. Do ponto de vista político e social de tratar a questão, partindo desta constatação, é mais conveniente que, ao invés de tratarmos de conflitos sociais, tratemos de conflitos sócio-culturais em dadas especificidades espaciais amazônicas.

Entendemos então que no âmbito do resgate de valores sócio-culturais, os seringueiros se viram como categorias sociais que são – trabalhadores familiares rurais em atividades agroextrativistas e, assim se organizaram em movimentos sociais. É no crescimento desta consciência que alguns grupos organizados conseguem trabalhar conjuntamente com outros grupos camponeses, como nas associações mencionadas e, apontam para a formação de uma identidade camponesa amazônica-acreana, socialmente diversa no tempo e no espaço, mas que compartilha de rumos muito próximos para sua existência como tal, na região. Neste sentido, uma compreensão dos processos ocorridos, deve passar pela análise sociológica, histórica, antropológica e geográfica da instituição do imaginário social seringueiro que ganha significado, no confronto homem & floresta no cotidiano social do amazônida, submetido aos processos reprodutivos do capitalismo. Certamente, assim poderemos ter um perfeito entendimento do significado sócio-cultural e socioespacial do que representou a mobilidade e os gêneros de vida (sobre este conceito recomenda-se que veja *SORRE*, 1984, dentre outras obras) que deram a dinâmica social da formação deste grupo de trabalhadores, como por exemplo: a migração masculina & o tráfico de mulheres, a migração familiares, os povos indígenas etc.

5. CONSIDERAÇÕES PARA A COMPREENSÃO DA FORMAÇÃO, EXPROPRIAÇÃO E RESISTÊNCIA DA MÃO-DE-OBRA SERINGUEIRA

Nos relatos que apresentamos se pode perceber como os seringueiros, enquanto categoria de trabalhadores rurais camponeses amazônicos, construíram ao longo do processo de formação socioeconômica e territorial do Acre uma identidade social moldada em conflitos (sociais e ambientais) em plena inter-relação com a floresta. Reproduz-se com identidades alternantes, ora por relações mais passivas, submetendo-se aos rigores e exploração do patrão, ora por relações deveras rebeldes, como vendendo seus produtos a outrem e negado a autoridade patronal, ou unindo-se em movimentos de lutas

contra indígenas ou estrangeiros e, mais recentemente, organizando-se em sindicatos e em movimentos em defesa de sua categoria camponesa como nos "empates" (prática de defesa da floresta criadas nos movimentos dos seringueiros, coordenadas pelos STRs., que buscava impedir o desmatamento a partir da mobilização de famílias formando "correntes humanas" em torno das árvores que iam ser derrubadas ou colocando a frente de áreas que iam ser desmatadas e, nisso tentava mobilizar os trabalhadores das fazendas a entregarem seus instrumentos de trabalhos e armas, pacificamente).

Neste sentido, podemos apreender o significado do sujeito social seringueiro que se constitui sob processos produtivos que ganham dimensões internacionais, seja pela área ocupada que era politicamente pertencente a países vizinhos (Peru e Bolívia), ou pela intromissão direta do capital mercantil industrial inglês e norte americano, deslocando mão-de-obra brasileira, financiando o processo produtivo e submetendo-os aos interesses de sua expansão capitalista nesta região. Neste contexto, as identidades destes sujeitos sociais se nutrem por ambigüidades e contradições: por um lado, constitui-se sobre relação de integração com a natureza, em plena complementaridade homem-natureza, buscando a boa convivência dos "povos da floresta", por outro, é produto de grandes conflitos que no passado levou quase ao "extermínio" os indígenas da região e venceu bolivianos e peruanos em sangrentas batalhas na "Revolução Acreana" no início do século XX (lutas que haviam sido iniciadas já no final do século XIX), promovendo as primeiras grandes mobilizações de caráter antrópico, sob uma lógica reprodutiva do espaço praticamente financiada, direto ou indiretamente, pelo capitalismo, como relatou Chico Mendes: compreende a natureza como uma criação de Deus na formação simbólica de sua consciência da realidade, mas sente-se materializado no processo de expropriação e exploração que o submete, então, enxerga o inimigo e entende que só a união de sua comunidade pode ter forças para colocar-se diante da situação, como ressaltou João Crívio Nogueira; ou ainda, no resgate de uma memória social descreve a exploração, entende a reprodução e recriação de costumes e tradições do nordeste e, como o homem nordestino, camponês por herança de

gerações, encontra ressonância ao seu modo de vida no viver e se reconstruir como sujeito arraigado a terra em condições tão adversas aquelas de sua terra natal, de que um dia fora arrancado para dar apoio a uma luta que não era a sua e, nisto contempla a floresta e sente a “dor de uma árvore” ao ser cortada pela lâmina de uma moto-serra, como demonstrou o Sr. Lupércio.

Ficou demonstrado que ao longo de quase um século e meio de ocupação e reprodução do espaço acreano, o seringueiro como categoria fundamental da reprodução socioeconômica da região, teve o seu mundo recriado na floresta nutrido concretamente por perspectivas contraditórias de conflitos, expressas em três signos: homem – trabalho – natureza. Estes se reproduzem num espaço que a realidade emerge de um processo de recriação constante e indeterminado em que a significância da ação expressa pela palavra e frase “morrer” ou “lutar para viver”, aparecem como expressão material das forças antagônicas que atuam na formação social deste espaço e, que personifica o embate entre seringueiro & patrão, posseiro & proprietários ou ainda trabalho & capital. Aí se teve a formação de uma relação com grande poder de transformação em que homem e natureza buscam construir novos modos de vida em meio ao convívio com conflitos e formação de uma identidade de trabalhador amazônico.

Por final, pensamos ser conveniente compreender que os relatos apresentados podem e devem ser entendidos como expressão de um imaginário social sendo “criação incessante e essencialmente indeterminada (social, histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens” (CASTORIADIS, 1995, p. 13). Isto a partir da situação do seringueiro e sua expressividade nos relatos apresentados, caracteriza sua dimensão de sujeito social e político que fornece na construção coletiva deste imaginário, respostas para os processos vividos e a construção de uma classe trabalhadora que resiste e busca autonomia em meio à formação do trabalho familiar camponês no espaço agrário da Floresta Amazônica.

Como perspectiva, os relatos mostraram que o seringueiro luta contra a expropriação e busca se reproduzir como categoria de trabalhador familiar, ora agrícola, ora agroextrativista, no contexto da diversidade de

tipos que se formam no âmbito do campesinato amazônico; mas não se encontram sozinhos! Há outros agentes neste mundo (como, p. e., agricultores, peões, fazendeiros etc.) que, no entanto, fogem aos nossos interesses aqui.

0. CONSIDERAÇÕES SOBRE O APRENDIZADO METODOLÓGICO DO TRABALHO COM HISTÓRIA ORAL, NESTA ANÁLISE GEOGRÁFICA

A metodologia de pesquisa com história oral que utilizamos se constituiu num aprendizado constante, no confronto de uma mudança da concepção do nosso papel como pesquisador. Da tradicional posição de sujeito principal da pesquisa, nos vimos como condutor de um processo em que a figura do depoente tem a função fundamental de sujeito da pesquisa, condição que compartilhamos como narrador e intérprete de condições necessárias de esclarecimentos. Pensamos que aí reside o grande mérito do conhecimento produzido, pois não se trata de apresentarmos a realidade dos seringueiros como interpretação exclusiva nossa, nos concebendo fora dela, mas de deixar que os próprios seringueiros falem por si próprio e, que tanto pesquisador como pesquisado tenham uma atitude ativa diante do conhecimento que estamos construindo, na condição de sujeitos sociais ativos da realidade que tratamos. Nisto sobressai a figura do homem em sua essência de pensador e filósofo, como condição inata de cada ser humano que por ser social, pensa e exprime sua vivência na realidade, socialmente. O pesquisador através desta metodologia possibilita ao pesquisado, exprimir a totalidade de suas experiências e de seu pensar, sem negar sua condição também de ser pensante.

Nesta perspectiva, entendemos esta metodologia encontra-se no pensamento de trabalhos clássicos sobre a pesquisa em ciências humanas e sociais, como para CASTORIADIS (1995, p. 178) em sua obra “A instituição imaginária da sociedade” que ressalta esta condição de ser pensante no homem:

O homem é um animal inconscientemente filosófico, que se fez a si mesmo as perguntas da filosofia nos fatos, muito tempo antes de que a filosofia existisse como reflexão explícita; e é um animal poético, que forneceu no imaginário respostas a essas perguntas.

THOMPSON (1998, p. 20) resgata a importância da valorização da experiência, fundamentando isto no pensamento de Gramsci:

Para Gramsci, essa filosofia não era provinda apenas da apropriação de um indivíduo, mas sim de experiências compartilhadas no trabalho e nas relações sociais, estando implícito na sua atividade e na realidade, unindo-o a todos os companheiros de trabalho na transformação prática do mundo real.

Ao permitir que os agentes sociais expressem sua própria história, permite-se vir a tona uma visão científica dos vencidos, como referiu MEHY (2000, p. 56)

A noção de silenciados tem sido valorizada como um dos objetivos da história oral, pois [...], além de contemplar os vencidos, abre-se também para setores considerados da 'elite', que também não tem sido contemplados pela formalidade analítica vigente.

É nesta visão dinâmica da pesquisa que esta metodologia se justifica de ser utilizada por geógrafos, sobretudo, naqueles ramos voltados para estudos humanos e sociais em Geografia, assim como também, por outros cientistas em áreas de ciências correlatas.

Por final, não vemos a história oral como uma panacéia a todos os problemas que atingem a pesquisa em ciência humanas e sociais, quando negligencia as situações concretas do seu "objeto de pesquisa". Entendemos a história oral como um dos caminhos que permitem, tanto ao cientista como ao leitor, que acessar o resultado de um trabalho este, ver nos relatos os problemas do homem pesquisado, sentir o lado emotivo

o real de questões que vemos na apenas teoria, e permitir que quaisquer reminiscências destes agentes sociais passem também por perspectivas próprias. Aí ganha significância devida a frase dita pelo Sr. Otávio Nogueira: "Eu sou analfabeto, mas conheço porque tenho a vida!".

Quem pode ignorar isto?

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. 418p. (tradução de Guy Reynand).
- FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janafna (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. 304p.
- FIGORGE, Pierre. *Os métodos da Geografia*. 2 ed. São Paulo: DIFEL, 1986. 119p.
- MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: HUCITEC, 1997. 213p
- MILHAY, José Carlos Bom. *Manual de história oral*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1996, 2000. 111p.
- MINDES, Chico. A luta dos povos da floresta. *Revista Terra Livre*. Geografia e prática social, São Paulo: AGB/Marco Zero, n° 7. p. 09-21, 1990.
- MINES, Maria C. Silva. O documento histórico na escola: uma experiência metodológica. In: *Revista Espaço Tempo*, Teresina: Universidade Federal do Piauí, Departamento de Geografia e História, n° 1, p. 89-103, ago/1991..
- MAIDBR, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 329p.
- BANTOS, Andréa Paula dos. *Pontos de vida: cidadania de mulheres excluídas*. São Paulo: Loyola, 1996. 151 p.
- MILVA, Adalberto Ferreira da. *Raízes da ocupação recente das terras do Arari*. Movimentos de capitais, especulação fundiária e disputa pela terra. Belo Horizonte, 1982, 115p. Dissertação (Mestrado em Economia)

– Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, UFMG.

SILVA, Silvio Simione da. Seringueiro: o homem da floresta na floresta.

In: **Revista Formação**, Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1998. n° 5, p.45-60.

SORRE, Maximilien. **Geografia: coletânea de textos**. São Paulo: Ática, 1984. (Tradução de Januário F. Megale, Maria C. França e Moacir Morais; organização: Januário F. Megale).

THOMPSON, Eduard. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 493p.